

BIKINI E PROMETEU

O atol de Bikini faz parte das ilhas Marshall, um arquipélago perdido no meio do oceano Pacífico, na Micronésia. Em 1946, os felizes moradores do atol foram transferidos, à revelia, para as ilhas Rongerik, a várias dezenas de quilômetros de sua terra natal. Motivo: o governo norte-americano resolveu ocupar o local para a realização de testes nucleares.

Entre 1946 e 1958 foram lá detonadas dezenas de bombas de hidrogênio e nucleares, iniciando com a Operação Crossroads.

No final da década de 1960 foram feitas tentativas de retornar os habitantes à ilha, mas o nível de radiação resultante dos testes ainda inviabilizava o solo para a vida.

O engenheiro francês Louis Reard deu à sua explosiva criação – um maiô de duas peças – o nome do atol. Isso em 1946, bem na época das primeiras explosões atômicas em Bikini.

Em agosto de 1945 o Japão provou o gosto amargo do produto do projeto Manhattan. Hiroshima e Nagasaki foram protagonistas da história, ao serem arrasadas por bombas atômicas que serviram de pá de cal para consumir a fatura da Segunda Grande Guerra Mundial.

O Brasil também teve o seu episódio de dor com a energia nuclear. O abandono irresponsável de um aparelho de radioterapia em Goiânia, em 1987, gerou um acidente nível 5 na Escala Internacional de Acidentes Nucleares. Milhares de pessoas foram expostas aos efeitos do Césio-137, a imensa maioria com contaminação reversível. Cerca de uma centena delas sofreram contaminação mais pesada. Quatro morreram.

Em abril de 1986, um reator de Chernobyl explodiu durante uma fase de testes de segurança. Este é considerado o maior acidente nuclear a história. Motivo: erro humano e o fato de a usina ainda estar em testes. Acidente nível 7.

Em março de 1979, a usina nuclear de Three Mile Island teve o seu momento de fúria. Falha do equipamento, corte de custos de manutenção e erro operacional foram declarados culpados.

Em março de 2011, um terremoto nível 8,9 na escala Richter sacudiu ferozmente o solo japonês. Em meio às consequências “normais” dos tremores e de um tsunami devastador, o povo japonês ainda acompanha em suspense um desdobramento preocupante: incêndio e vazamento em reatores da usina nuclear de Fukushima Daiishi, distante 250 km de Tóquio, metrópole com cerca de 30 milhões de habitantes.

O episódio de Fukushima ainda deve revelar desdobramentos nada razoáveis, já que ainda agora (17 de março de 2011, 11h) notícias nos dão conta de que o problema de resfriamento dos reatores não foi resolvido.

Prometeu, lendário deus da tecnologia, teria criado o homem. Compadecendo-se dele, pela sua fragilidade, subiu aos céus com Minerva, acendeu sua tocha e entregou ao homem o fogo. Pagou caro pela sua ousadia. Acorrentado por Zeus ao monte Cáucaso, todos os dias Prometeu teve seu fígado dolorosamente devorado por uma águia. À noite seu fígado se regenerava, para no dia seguinte a tortura ter continuidade.

Falta pouco para que Zeus, percebendo finalmente que Prometeu só queria ajudar, pouca culpa teria naquele episódio, e que os grandes responsáveis por tudo mesmo sejamos nós, que não conseguimos fazer bom uso do mimo.

Talvez Zeus solte Prometeu, e nos substitua na árdua pena de, acorrentados num desses Cáucos da vida, termos nossos fígados lentamente devorados por águias vorazes.

Hoje já parcialmente regenerado, com fauna e flora estranhamente belas, o atol de Bikini começa de servir de roteiro turístico principalmente para curiosos em pisar em solo arrasado pela sanha humana. Mas são sempre passeios curtos, pois o nível de radiação não permite estadas longas no local.

Nós, “seres civilizados”, “homo sapiens”, estamos devendo pelo menos ao lendário Prometeu uma recompensa racional pelo seu esforço de nos ter presenteado com o poder do fogo.